PERSPECTIVAS

Notas sobre a Arte

Volume I

DIRCEU IBALDO Jr.

Obras do Autor

Nótulas da História dos Correios em S. do Livramento (Ensaio)
Breviário Poético (Poesia)
Personagens de Areia (Crônicas)
História do Anglicanismo (Ensaio)
Teologia, Cultura e a Crise da Modernidade (Ensaio)
Travessias (Poesia)
Critica da Arte e Mediação Cultural: (Ensaio)
Perspectivas: Notas sobre a Arte(Ensaio)

INTRODUÇÃO

O que nos traz às páginas deste breve trabalho, é o silencio que vemos em torno da arte contemporânea, e a maneira como é recebida, sob pretextos, inclusive sociais e ideológicos, parecendo que haja quem a admita como arte, se não é arte. Falo de uma arte que fracassou em seus indestrutíveis delineamentos, para apoiar-se em simulacros, que de um tempo para cá, vem assumindo ares de grandes artistas. Dizia Gustave Flaubert, "não basta talento, sem caráter, as obras de arte, por mais que se façam, serão sempre medíocres; a honestidade é a primeira condição da estética". E é isso exatamente o que vemos, e os que a fazem, não conseguem transmitir a arte na acepção de seu termo. Querem glórias artísticas sem feitos que a justifiquem. Esquecem que a arte é o belo, diversa segundo seu criador, mas sempre igual a si mesma, suprema.

Este escrito não é apenas um libelo contra a arte contemporânea, nem se trata de tomada de posição a esse movimento. É uma análise, é depoimento, no julgamento dessa impostura. Não temos a veleidade de autoridade em arte, e declaramos não ser adepto desta ou daquela escola. E acrescentamos uma defesa, com a altivez dos que cultuam o belo, sem concessões de qualquer espécie. No entanto, as audácias capazes de desvirtuar a arte estão consumadas. Cumpre aceitar o desafio no campo do idealismo e da profilaxia terapêutica, pois o mal é transitório, mas suscetível de se tornar crônico...

Quiçá, estribado no conceito de que estamos na época da velocidade, não se entregam à meditação sobre formas e cores, e aos esmeros da sobre-excelência.

Eis a finalidade deste escrito. A semente está lançada.

O QUE NOS FAZ GOSTAR DE ARTE?

O que nos faz gostar de arte? Como ela atua na nossa formação? Qual a diferença, e qual a relação entre gostar e conhecer? As novas tecnologias facilitam ou prejudicam nossa lida com as obras de arte?

Há pouco tempo, em 2017, enquanto visitávamos alguns museus e suas coleções, em Montevideo, reparei que muitas pessoas passavam o mesmo tempo lendo as etiquetas, e vendo as obras. Uns 15 segundos em cada direção, sendo otimista.

Entre uma coisa e outra sobrava tempo para um comentário/suspiro do tipo: Julian! José Pelayo! Federico Arnaud! Saber de quem se tratava, ser um nome familiar, tornava o olhar curiosamente ainda mais rápido, como se o reconhecimento liberasse a atenção, em relação ao que estava sendo visto – no caso, obras de arte.

A presença das etiquetas, dos textos de apresentação e de comentários nas paredes é parte da função informativa e pedagógica dos museus. Vale a pena saber a técnica, a data e, eventualmente, o título dos trabalhos. Há textos de curadores que muitas vezes nos ajudam a perceber as obras e o partido conceitual da exposição, que aumentam nossa capacidade de diálogo com as obras e seus contextos histórico, cultural e político.

Todavia, o fundamental é, acima de tudo, ver as obras, perder tempo vendo, reparar, olhar, falar sobre o que está sendo visto (ou imaginado), destacar as especificidades e o que interessa ou não nas obras. Deixar algum eventual desamparo atuar, e saber lidar com ele no enfrentamento da arte. O importante é ir se dando conta de que olhar e falar do que está

vendo é determinante na formação do gosto e do nosso conhecimento. Isso acontece naturalmente e é sempre comparativo e acumulativo.

Se de fato houver interesse, quanto mais se vê, mais se gosta e quanto mais se gosta, mais se quer saber. Entretanto, ninguém gosta por nós e tampouco será sabendo sobre as obras, acumulando informação, que se vai poder gostar de arte. Arte é experiência e fruição estética.

Estas questões voltaram à baila recentemente lendo um artigo que saiu no jornal El País, intitulada "El Shazam del arte" – sobre um aplicativo que ajudará as pessoas a reconhecerem e terem mais informações sobre as obras nos museus, nos livros e até nas ruas. Segundo o jornalista, esta nova tecnologia, desenvolvida pela organização Smartify, "é um sistema de processamento de imagem em tempo real e em alta velocidade que reconhece a obra de arte (quadro, escultura ou objeto) para a qual o espectador está dirigindo a câmera de seu celular. Uma vez detectada a obra, o sistema oferece ao usuário informações relacionadas, incluindo críticas e comentários, história, vídeos e dados biográficos do autor". Aparentemente um instrumento ótimo, que nos traz informações relevantes e nos ajuda a saber mais. Mas será só isso?

Todo remédio é também veneno. A obsessão em saber mais e equacionar saber com informação, acaba, a meu ver, impedindo uma outra relação que, no caso da arte, parece-me fundamental: entre saber e prazer. O prazer não vem com o que sabemos sobre as obras, mas justamente com o que escapa a este saber, é o que sobra além da informação e que nos intriga, nos provoca, e nos faz pensar. Não é sabendo que o Cézanne pintou a montanha Santa Vitória ou que se trata de um quadro pós-impressionista, que teremos prazer em ver suas pinturas. Não são

estas informações que vão nos convocar, nos puxar para dentro das pinceladas, e nos obrigar a permanecer vendo e ter prazer neste permanecer. Importante afirmar que não estou dizendo, tampouco, que devemos ignorar estas informações. Apenas digo que uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Elas se relacionam, mas não se determinam.

O perigo desta tecnologia, digo isso sem demonizar sua presença já instaurada em nossas vidas, é que ela acaba introduzindo um elemento entre nosso olho e o quadro, que tira ainda mais tempo do nosso prazer com o que não sabemos, com aquilo que não é da ordem do saber, com o que não é informação, mas expressão. É claro que os otimistas sempre retrucam que uma coisa não elimina a outra. Em tese tudo bem. Entretanto, nossa subjetividade já está danificada, viciada na informação, completamente desacostumada em não saber, e ser convocada por isso.

O não-saber que nos convoca é raro, mas é ele que caracteriza a experiência estética, a potência sem nome que nos faz sentir e pensar sem necessariamente já-saber e que vai constituindo em ato novas formas de saber. É justamente no intervalo entre percepção, reconhecimento e saber que entra em cena a imaginação, a faculdade que nos faz ir além do sabido e a arriscar novas possibilidades de saber.

Vivemos em uma época acelerada. Não temos tempo para reparar em nada, pois precisamos estar em movimento e acumulando (e descartando) informações. Nada como a tecnologia para nos garantir mais material informativo, sem nos perguntar se teremos tempo para ler tudo isso e saber tanta coisa. Ou seja, a mediação tecnológica pode estar nos tornando detentores de muito conhecimento (e poder), mas simultaneamente, desconfio eu, está nos deixando ainda mais

pobres de experiência, regredidos esteticamente e limitados na nossa capacidade de imaginar.

Há sempre que se ter em mente, que frente a uma obra de arte, a fruição estética alcança nossos sentidos sempre antes, do que qualquer raciocínio lógico. A obra e a vida dos grandes artistas, sempre imprimiram em suas obras, as principais características estéticas, que é a sua capacidade de traduzir ao mesmo tempo, numa obra de arte, as potências do pensamento e do sentimento.

Concordamos com Goethe, para quem a obra de arte, não é um simples jogo traços de luz, de figuras, etc., mas uma ação nas profundezas do ser, uma ação que traduz e gera os valores sensíveis essenciais. Hegel também subscreve as análises de Goethe em sua *Estética*, ao falar da "magia das cores" e dá a ela um primado sobre do desenho "que não forma senão a base exterior da pintura", sendo "a cor que constitui o elemento por excelência da pintura, o extremo ponto da sua vitalidade".

Por fim finalizamos afirmando, que a obra de arte pensa por si mesma, independente dos objetos que elas habitam.

Dirceu Ibaldo Jr.

O GÊNIO SOB O ASPECTO DA ARTE

"*O gênio é uma mensagem enviada a outro gênio.*" (**Kant**)

Antes de tudo gostaria de dizer que este texto é escrito por alguém que acredita na existência de gênios. Em segundo lugar, que aqui se pretende pensar a ideia de gênio a partir de reflexões ligadas ao universo da arte. Finalmente, creio que não se pode pensar o conceito de gênio sem antes se ater à ideia de imaginação e sua trajetória no contexto da cultura ocidental. O que farei logo abaixo, e, em seguida, aprofundarei a ideia de gênio como a conclusão dessas reflexões anteriores e ligando a teoria a um fato concreto: o caso Mozart.

Platão classificava a imaginação como a mais baixa das faculdades humanas. Para ele, a mais alta forma de cognição era a razão. Platão, portanto, inaugurou uma longa tradição de desconfiança contra a imaginação.

Aristóteles, por sua vez, definia a imaginação como "a faculdade criadora de imagens" e situou-a entre a percepção e o pensamento. No entanto, Aristóteles afirmava que todas as coisas imaginadas são falsas e não associou a imaginação especificamente à criação artística e não lhe reconhecia o poder sintético para combinar as imagens em novas formações. Isso, ele devia acreditar, era trabalho para a razão.

Cícero, mais ousado que os filósofos anteriores, via na imaginação um poder de visualização por meio do qual o poeta era capaz de pintar vigorosamente uma cena e fazer com que o leitor, de maneira semelhante, a visse com o mesmo vigor com os olhos da mente. O objetivo do grande artista seria, então, "tornar manifesta" uma realidade ausente, colocando-a diante dos olhos pelo poder das imagens mentais.

A Idade Média e o Renascimento persistiram com o preconceito platônico contra o poder da imaginação. A imaginação só ganha da razão durante os sonhos, nos acessos de loucura, quando uma pessoa padece de alucinações ou sob influência de paixões excessivas, mas o seu verdadeiro lugar na hierarquia dos sentidos é estar sujeita à sabedoria e vigilância da razão. Segundo Burton, no seu livro *Anatomia da melancolia*, a fantasia, ou imaginação, torna-se livre apenas nos poetas e pintores e durante o sono, quando concebe formas estranhas, estupendas, absurdas, como se observa em homens doentes.

No homem comum, a imaginação deve ser governada e dominada pela razão, ou, pelo menos, deveria ser.

Shakespeare, que fala muito sobre a imaginação e fantasia, aceita a psicologia ortodoxa da renascença: sob o império de uma paixão dominante, a imaginação conduz a uma espécie de loucura, uma desorientação ou alienação da realidade lógica. Otelo é induzido por suas falsas fantasias e imaginações a acreditar que a esposa o traiu. Em seus acessos de loucura Lear frequenta um mundo diferente do mundo real.

Entretanto, embora aceitasse a psicologia corrente, Shakespeare confere um valor diverso à imaginação. É precisamente em seus acessos de alienação que a imaginação de Lear transmite as mais tremendas visões da condição humana.

Onde desfalece a razão, a imaginação e a poesia, filha da imaginação, proporcionam uma apreensão ou notícia das verdades "maior do que a fria razão jamais compreende". Agora era um artista falando, e não um filósofo, anunciando Baudelaire que, ao contrário dessa tradição, dizia que a imaginação era a rainha das faculdades humanas.

Francis Bacon (o filósofo renascentista, não o artista) sabia que a imaginação era uma faculdade especial que sustentava a poesia e as artes, mas não lhe atribuía a verdade que transcende a compreensão da razão. Algo próximo da concepção que Hobbes tinha de poesia, com um papel restrito à imaginação, que resumia-se a estes preceitos: o tempo e a educação geram a experiência; a experiência gera a memória; a memória gera o juízo e a fantasia; o juízo gera a força e a estrutura, e a fantasia gera os ornamentos do poema.

Hume foi um pouco mais longe, dando destaque à ideia de imaginação como a posse de uma ideia animada, vivaz, potente, acompanhada de um sentimento especial; e a imaginação seria o fator necessário à produção dessa vivacidade e animação da ideia. A função da arte seria trazer para o espectador essas imagens vigorosas e fazê-las parecer verdade e realidade. Dessa forma, ao contato com essas realidades nosso espírito seria fortemente afetado por ela.

Aqui estamos caminhando para o conceito romântico da imaginação criadora como fabricadora de uma realidade tão potente, a da arte, que poderia competir com a dita "realidade" do mundo.

Resumindo o grupo de ideias que se ligam ao conceito de imaginação no romantismo e sua valorização enquanto forma de pensamento, podemos dizer que elas são as seguintes: a imaginação é o poder que a mente tem de criar energicamente alguma coisa e apresentá-la com um forte impacto de realidade; devido ao seu poder de mudar e recombinar as impressões armazenadas pela experiência, a imaginação é a fonte do espírito inventivo e da originalidade; a imaginação é a fonte de visões mais profundas que a compreensão lógica, e não totalmente compreensíveis para a razão abstrata; a imaginação é a base por